

**POSSIBILIDADES DE APOIO SOCIAL E EMOCIONAL PELAS REDES SOCIAIS
VIRTUAIS: A EXPERIÊNCIA DE DOENTES ONCOLÓGICOS**

Marcella Bellini
Lúcia Cecília da Silva

Introdução

Este trabalho é fruto do Projeto de Iniciação Científica realizado entre julho de 2011 e agosto de 2012, que discorre sobre “A importância da rede social e do apoio social no cuidado ao doente de câncer: investigação a partir de relatos de pacientes”. Usaremos um recorte dos resultados e daremos enfoque às redes de apoio e apoio social que ocorrem no e pelo espaço virtual.

As estimativas do Instituto Nacional de Câncer – INCA – para o ano de 2012 serão válidas também para o ano de 2013 e apontam que no Brasil ocorrerão cerca de um total de 385 mil casos novos, sem os casos de câncer de pele não meloma. No sexo masculino os tipos de câncer mais incidentes serão os de próstata, pulmão, cólon e reto e estômago; e os cânceres de mama, colo do útero, cólon e reto e glândula tireóide serão os mais incidentes para o sexo feminino (Instituto Nacional de Câncer, 2012).

No mundo, estudos recentes, como os da equipe de Bray (2012) da Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer – IARC – consideram que os casos de câncer provavelmente aumentarão em quase 75% em 2030, influenciados por fatores demográficos e de estilos de vida, como fatores alimentares, reprodutivos e hormonais, sugerindo que a rápida transição social e econômica em muitos países influencia eventuais reduções na incidência de certos tipos de cânceres, porém, são compensadas por um número crescente de novos casos que estão mais associados a fatores reprodutivos, de alimentação e hormonal.

De acordo com o estudo supracitado, em países com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) elevado, os casos de câncer de mama, pulmão, colorretal e próstata corresponderam à metade dos casos de câncer registrados; nos países com IDH médio, os cânceres de esôfago, estômago, e fígado foram mais frequentes, já nos países com baixo IDH,

cânceres como o cervical e o de colo de útero foram particularmente mais numerosos, por vezes superando os casos de câncer de mama e de fígado.

As formas de tratamento da doença variam, podendo ser cirúrgica, radioterapia ou quimioterapia, e dependendo do tipo celular, do órgão ou o grau de invasão do tumor, as intervenções podem ser usadas de maneira combinada. Os efeitos da doença, como as mudanças corporais, tais como a perda do cabelo, mastectomia e/ou a retirada de algum membro acometido pela neoplasia, e de repetidas hospitalizações e tratamentos, acarretam inúmeras mudanças na vida do paciente, bem como na de sua família. Os longos períodos de internação que por vezes são necessários para o tratamento, resultam em abandono, rompimento de laços afetivos, sociais e profissionais.

Olivieri (1985 citado por Silva, 2006) aponta que dependendo da gravidade da doença e do grau de incapacidade que provoca, a pessoa acometida é afastada do seu convívio pessoal, profissional e até social, vivenciando mudanças significativas. Segundo Silva (2005) em *Vozes que contam a experiência de viver com câncer*, podemos incluir nos modos de vivenciar a doença a convivência com outros que interferem profundamente nas condições de um novo existir e a necessidade de encontrar novas formas de estar com os outros.

Assim, durante todo o processo, ou seja, da investigação diagnóstica até o final do tratamento, a confiança e o apoio que a equipe médica e familiares oferecem aos pacientes oncológicos é de extrema importância, visto que neste momento, a grande maioria encontra-se fragilizada, angustiada e ainda mais desamparada em seu novo existir-com-a-doença (Silva, 2006).

Em uma revisão teórica, Meneses e Sarrilha (2005 citado por Santana et al., 2008), reuniram evidências sobre a influência positiva que a rede social tem para a adesão e êxito no tratamento, principalmente quanto aos aspectos de auto cuidado e ajustamento emocional à enfermidade. Outros autores como Holloway e cols. (2005 citados em Santana, Zanin & Maniglia, 2008), também apontaram a importância da rede social para a melhoria da qualidade de vida de pacientes com câncer de cabeça e pescoço.

Para Hoffmann, Muller e Frasson (2006 citados em Martins, Pereira & Cobucci, 2010, p. 437) “em momentos de dependência e fragilidade, o apoio de outras pessoas fortalece a autoconfiança, o que possibilita um melhor enfrentamento das situações de sofrimento”.

Para os autores Bullock (2004 citado em Sanches *et al.*, 2010) e Pedro *et al.* (2008), rede social se refere à dimensão estrutural ou institucional associada a um indivíduo como: vizinhança, organizações religiosas, sistema de saúde e escola. O apoio social, por outro lado, possui dimensão individual, sendo constituído pelos membros da rede social que são efetivamente importantes para a pessoa.

Segundo Spiegel (1990 citado em Venâncio, 2004), que estudou sobre a participação de pacientes em grupos de apoio o trabalho de grupo é uma forma de criar relações sociais, fato importante já que muitos pacientes tendem a se isolar e a se sentir rejeitados. Entre iguais, no grupo, os pacientes se sentem aceitos, proporcionando, assim, uma melhor integração entre os participantes (Spiegel, 1990 citado em Venâncio, 2004).

Percebe-se que a convivência e identificação com pessoas que passam pelos mesmos problemas, proporcionam uma experiência às pessoas acometidas pela doença que pode desenvolver um clima de importante valor terapêutico como indica Munari (1997 citado em Gomes *et al.*, 2003).

Também neste sentido, Silva, Griep e Rotenberg (2009) sustentam que a rede social de apoio ao paciente pode prover assistência prática, encorajando diretamente comportamentos preventivos ou fornecer um ambiente emocional de apoio que possa colaborar ou facilitar a aderência em práticas de prevenção, pois se relacionam com a capacidade de apoderar-se de cuidados com a saúde, através do acesso à informação, transferência de conhecimento e incentivo.

Pensando sobre comunidades interativas e organizadas a partir de um interesse em comum caracterizando uma forma de rede social, podemos falar das comunidades virtuais como possíveis fontes de apoio social.

Howard Rheingold foi o primeiro autor a difundir o conceito de comunidade virtual, em 1993; a comunidade virtual para ele é como uma agregação cultural formada pelo encontro sistemático de grupo de pessoas no ciberespaço. Este tipo de comunidade é

caracterizada pela co-atuação de seus participantes, os quais compartilham valores, interesses, metas e posturas de apoio mútuo, através de interações no universo *on-line* (Mussoi, 2007).

Reid (1991 citado por Primo, 1997), aponta que a comunicação mediada por computador (CMC), por trabalhar com um sistema particular de signos e significados, afeta a maneira como os participantes analisam a realidade. Para ela, trata-se de um fenômeno pós-modernista, à medida que os usuários desconstruem os limites sociais convencionais e constroem suas próprias comunidades e culturas.

Primo (2007) considera que uma rede social online não se forma pela simples conexão de terminais. A interação social, neste contexto, é caracterizada não só pelo conteúdo das mensagens trocadas e pelos interagentes que se encontram em um dado contexto (geográfico, social, político, temporal), mas também pelo relacionamento que existe entre os membros.

Em comunidades virtuais as pessoas buscam trocar informações, resolver um problema, trocar experiências, apoio emocional, motivação, desabafar e acompanhamento.

Estudos apontam que os brasileiros são os que mais usam as redes sociais, de acordo com o IBOPE NIELSEN (2012) em 2009 80% dos brasileiros eram membros de algum tipo de rede social, e 17 % de seu tempo *online* era gasto em sites de postagens e redes sociais.

Através de uma busca ativa, pôde-se perceber que há vários grupos no mundo com o objetivo de formar, através de um grupo virtual, uma rede social de apoio à pacientes oncológicos. Cresce a aderência da população às redes sociais, como é o caso do *Facebook*, em cada grupo há uma série de outros grupos relacionados ao assunto e abertos para participação.

Um destes grupos é o “*Radioativos131*”, que apresenta em sua descrição seu objetivo:

(...) é um ponto de encontro para pessoas com câncer de tireoide em busca de melhor qualidade de vida. Seu objetivo é compartilhar suas experiências sobre diagnóstico, tratamentos, cirurgia, iodoterapia e exames periódicos. Todos estes assuntos que parecem tão estranhos depois de um diagnóstico de câncer também mudaram a vida de milhares de radioativos que se encontram aqui. Você não está sozinho nesta experiência única. Seja bem-vindo! (Radioativos, 2012).

Este grupo, além de um site, também conta com um espaço no *Facebook* e no momento da pesquisa havia 615 pessoas que ‘curtiram’¹ o grupo e 338 pessoas falavam dele na rede social.

Na rede social *Facebook* há diversos grupos, entre eles há o “*Mulheres Mastectomizadas – Amm*”, que se define como “um grupo de Mulheres Mastectomizadas, sobreviventes de Câncer da Mama e que, voluntariamente se disponibilizam a apoiar todas as mulheres com esta doença e suas famílias”; criado em 2005 em Lisboa, atualmente conta com 755 membros de todo o mundo.

“*Rosa e choque, guerreiras contra o cancer*” também é um grupo no *Facebook*, criado em março de 2012, e no momento da pesquisa, havia 196 pessoas que ‘curtiram’ a página e 233 membros falando sobre isso. O criador do grupo o define como um espaço destinado a todas as guerreiras para que “possamos trocar idéias, apoio... Enfim, um lugar só nosso, para nós!!! Que todas gostem e sejam bem vindas!!!!”, além de fotos das pacientes com câncer de mama, há mensagens de apoio aos membros que vão realizar algum novo procedimento decorrente da doença, ou que estão se recuperando de alguma cirurgia.

Com um grupo no *Facebook* e um site para divulgação do trabalho, o “*Pense Rosa*”, de acordo com a definição que o grupo divulga em seu site, “trabalha com a conscientização e na divulgação da importância da detecção precoce do câncer de mama e dos direitos da mulher de fazer mamografia pelo SUS, conforme Lei Federal 11.664/2008.” Parte da renda obtida com a venda de produtos disponíveis no site é revertida em ações de orientação e informação.

Na página deste grupo no *Facebook* há informações, campanhas, aderência de pacientes e profissionais da saúde, fotos, relatos de experiências com a doença. No momento da pesquisa, o grupo contava 16.167 pessoas ‘curtindo’ a página e 1.080 pessoas falando sobre isso nesta rede social.

¹ Curtir: O botão Curtir é um plug-in social lançado como uma forma de as pessoas compartilharem seus interesses em conteúdo fora do Facebook (artigos, vídeos, produtos etc.) e oferecer recomendações para seus amigos no Facebook. Quando as pessoas conectadas no Facebook visitam um site que usa o botão Curtir, elas podem ter uma experiência mais social vendo quais de seus amigos curtiram [gostaram] algo, compartilhando com seus amigos no Facebook.

Outro grupo que tem destaque no cenário nacional é “*Amigas do Peito*”. Criado há um ano, já conta com 285 participantes, todas mulheres e além de um grupo no *Facebook*, conta também com um site. O objetivo do grupo é:

prestação de serviços e a promoção de eventos para assistência à portadoras de neoplasia de mama e ações preventivas de combate ao câncer de mama, valendo-se de meios de conhecimento sobre o que pode auxiliar na prevenção e tratamento, e ainda, conseguir coisas que possam auxiliar no tratamento, como próteses, orientação, assistência psicológica e judiciais, entre outras. Enfim, promover o bem estar de todos. Destaca-se que, mulheres que passaram pelo árduo tratamento e hoje tem uma vida normal, com vitalidade e prazer, vem servindo de espelho às aquelas que estão passando pelas dificuldades do tratamento (Grupo Amigas do Peito de Bauru, 2012).

O site é amplo e contém informações importantes para as mulheres em tratamento e também à familiares. As sessões mais visitadas do site são ‘tratamento’, ‘o que é câncer de mama’, ‘alimentos funcionais’, ‘quais são os meus direitos’. Pode-se encontrar no site, também, sessões sobre o câncer de mama, sobre o tratamento, orientação emocional, depoimentos, notícias, artigos de profissionais da área da saúde, e muita informação.

Assim, com o maior acesso da população as redes virtuais é notável o crescimento também de grupos neste espaço, e em se tratando de grupos de apoio a pacientes oncológicos, percebe-se que há uma grande aderência de pacientes e familiares em participar e trocar experiências através das redes sociais virtuais.

Objetivo

Este trabalho tem por objetivo trazer uma compreensão sobre a importância da rede social e do apoio social no cuidado ao paciente oncológico, em especial as redes que se inserem no espaço virtual. Para isto, serão identificados os elementos que dão suporte ao paciente oncológico, a partir de sua própria experiência.

Metodologia

Como metodologia de pesquisa foi utilizada busca ativa pela *internet* de redes virtuais que oferecem apoio a pacientes oncológicos e análise de conteúdo dos depoimentos dos doentes de câncer. Também foi realizado levantamento bibliográfico para dar sustentação às análises.

Resultado e Discussão

O câncer e seu tratamento imprimem uma significativa mudança na vida social do doente. Ele fica mais dependente dos familiares, muitas vezes se afasta do trabalho e do convívio diário com seus colegas de atividade profissional, muitos dos amigos de antes da doença deixam de freqüentar a casa do doente, e outros podem chegar, inclusive os vários profissionais que lidaram com o doente por um longo tempo. A partir dessas novas formas de estar e conviver com os outros, a participação do paciente em grupos virtuais pode tornar-se satisfatória, uma vez que nas redes sociais virtuais há espaço para discussões, troca de informações e experiências, como é o caso dos grupos “Pense Rosa”, “Amigas do Peito”, “Câncer de Mama”, “Radioativos131”, “Associação de Mulheres Mastectomizadas – Amm”, entre tantos outros que estão distribuídos pela rede de interação virtual.

Neste espaço, os pacientes encontram mensagens de apoio e depoimentos, como os que seguem:

Hoje faço parte das AMIGAS DO PEITO, tenho a grande alegria de estar junto com mulheres guerreiras, que buscam fazer o trabalho de divulgação do auto exame, da importância de ir ao médico, de fazer a mamografia, de se amar, de se tocar e se cuidar (S., em depoimento no grupo Amigas do Peito).

Fiz a tireoidectomia total há menos de uma semana, estou com muito sono, muito formigamento mesmo tomando 4000mg de cálcio por dia. Ainda sinto tonturas... Aguardando o resultado da biopsia, mas torcendo sempre. Fico muito feliz de ver que não estou sozinha nos sintomas e na sensação de cansaço que faz parecer tudo mais difícil... (C., em depoimento no grupo Radioativos131).

Continuem porque fazem um trabalho importantíssimo e dão apoio a muitas mulheres que não têm mais ninguém em quem se apoiar!! (A. em depoimento no grupo Associação de Mulheres Mastectomizadas- Amm)

O apoio e a informação sobre a doença podem vir também de outros vínculos que o paciente estabelece, que não com os profissionais de saúde. No site “Amigas do Peito” há uma sessão exclusiva para ‘tratamento’, e nela são contemplados assuntos como cirurgia, quimioterapia, radioterapia, terapia hormonal, terapia alvo, efeitos colaterais, reconstrução mamária, notícias sobre tratamento; além de uma sessão com orientações sobre as mamas, os tipos de câncer de mama, a detecção precoce, diagnóstico e também um espaço dedicado a relatar o dia-a-dia da paciente com câncer de mama, contendo os cuidados com a alimentação, seus direitos, rotina de exames, entre outros; servindo de amparo para as pacientes oncológicas.

Este espaço também é aberto no site “Radioativos131”, nele há troca de informações e também troca afetiva nas mensagens, compartilhando aspectos da vivência; como podemos observar a seguir:

Estou ansiosa, talvez a necessidade de falar, atropela qualquer tempo de espera, gostaria sim de dividir ,o que passei ,e o que estou passando, como disse tenho uma família [sic] imensa , ate netinho, mas quando quero passar o que senti , e o que ainda vou passar, todos parecem nao querer ouvir, acham que cancer de tireoide, nao e nada,que so outros tipos de cancer, tem que ter cuidado, sei que sou uma pessoa experiente, sou uma tecnica de enfermagem ,mas isso nao afasta o medo , gostaria de saber se depois de um ano , o pci e igual o primeiro,se fica internada ,pois vou tomar o tyrogen, mais uma vez me desculpa e mil obrigados (C., em depoimento no grupo Radioativos131).

Em 29.08.11 realizei a retirada total da tireoide e hoje me encontro muito bem, graças a Deus, meu protetor maior. Gostaria de relatar alguns sintomas após a iodoterapia: menstruação irregular, unha roxa, inchaço nas glândulas salivares e gosto de sal na boca. (M, em depoimento no grupo Radioativos131)

Segundo Silva (2005), um aspecto importante que emerge na vivência com a doença é a necessidade do cuidar de si, que envolve tanto o ajustamento ao tratamento como a busca de outros recursos, com a participação em atividades que lhe dão conforto.

Este aspecto é evidenciado no excerto de um conto tirado da sessão ‘Contos Radioativos’ do grupo “Radioativos131”:

Somente quando ele [o corpo] falha nos damos conta de que precisamos estar atentos aos sinais. Cuidar da alimentação, tentar fazer mais exercícios, abandonar velhos hábitos nocivos. Porque o corpo é tão importante quanto a nossa mente. Sem ele, tudo pára. Fica em suspenso. Sem ele não adianta ter lindas ideias, muita vontade. Enquanto estamos por aqui, você é o seu corpo e seu corpo é você.

Sobre o cuidar, Boff (1999) considera que é mais que um ato; é uma atitude, representa uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo consigo e com o outro. Com esta ânsia de cuidar, as limitações trazidas pela doença e tratamento podem ser superadas com o auxílio daqueles que convivem com o doente (Silva, 2009). Isso se verifica nos relatos, conforme explicita os trechos a seguir:

A diferença do antes e depois da doença, foi expressiva em nossas vidas, com mudança de comportamento estendendo até mesmo as pessoas de nosso convívio social, temos um grande desejo de apoiar as pessoas, uma nova consciência de solidariedade e amor (R. C., esposo de uma doente de câncer, em depoimento no grupo Amigas do Peito).

Percebe-se, como Boff (1999) aponta, que somente surge cuidado quando a existência de alguém tem importância para outrem, que passa a dedicar-se e se dispõe a participar de seu destino, de suas buscas, sofrimentos e sucessos, enfim, a participar de sua vida.

Com isso, a relação exposta no relato de R.C., portanto, não é de domínio sobre o outro que está doente, mas de com-vivência; não é somente intervenção, mas inter-ação e comunhão; a existência do outro tem importância e há o desejo de participação na vida deste (Boff, 1999).

Para Silva (2006), o cotidiano da pessoa com câncer muda e faz-se necessário uma mudança ou ajuste de papéis dos envolvidos, adoção de estratégias para enfrentar os problemas, alteração de atitudes e comportamentos, e também um período de adaptação a esta nova forma de estar no mundo e com os outros.

As redes sociais de apoio são capazes de desenvolver auxílio biopsicossocial no enfrentamento da doença oncológica. Andrade *et al* (2011) cita alguns autores que consideram que a manutenção da estrutura de suporte emocional oferecida pela presença da família e dos amigos constitui um importante fator terapêutico, e tem como alicerce o incentivo para a aceitação e luta contra a doença a favor de sua vida.

Isso fica mais visível com os depoimentos de pacientes que buscam nas redes de interação pessoal e redes de interação virtual o suporte emocional, como segue abaixo:

Faço parte das Amigas do Peito, um grupo maravilhoso coordenado pelo Dr. William Delgallo, onde nos reunimos uma vez por mês trocando idéias, recebendo as amigas novas, dando força para superar o momento, fazendo divulgações para conscientização da mulher sobre a importância do auto-exame e consulta ao médico. (...) O mais interessante é que chegando na reunião você se depara com pessoas alegres, entusiasmadas, vivendo até melhor, dando mais valor à saúde, amizade e ajuda ao próximo, e com isto desviando um pouco o foco para nós mesmas (E. em depoimento ao grupo Amigas do Peito).

Quando a pessoa descobre que está com câncer, segundo Silva (2006), ela vivencia um “desalojamento” do ser do mundo, ela se sente desamparada, tudo que antes lhe condizia, tudo que fazia parte do seu mundo passa a ser diferente, passa a ser estranho, há um distanciamento do que lhe era familiar, conhecido. O ente sente como se tivesse se retirado do mundo, se sente suspenso no nada. O ser perde aquela segurança que lhe garantia a estabilidade, ele perde o “chão”.

Finalizando o trabalho, mas não fechando possibilidades para adentrar neste campo tão vasto de demandas; à luz do que foi exposto, podemos concluir que a rede social e o apoio social, seja ele virtual ou não-virtual, tem papel importante no decurso do tratamento da doença. No grupo, o doente é capaz de se reconhecer como igual, já que compartilha de

experiências similares com outros na mesma situação, pensando nesta troca, o apoio social virtual é pertinente e favorável, quando há, por exemplo dificuldade de locomoção ou pouca aceitação da aparência física que se adquire em decorrência dos procedimentos médicos.

Considerações Finais

Procuramos compreender a importância da rede social e do apoio social no cuidado que o doente oncológico dispensa a si mesmo. Buscamos também, identificar elementos presentes nas redes sociais do ambiente virtual que possam funcionar como suporte ao paciente oncológico.

Observamos que o apoio social que a rede social virtual proporciona pode melhorar aspectos que são, por vezes, dificultadores do tratamento e enfrentamento da doença, como o medo e a angústia, atrelados ao estigma da morte que o câncer traz consigo; também contribui como sendo um espaço para compartilhar os momentos em que ocorrem as mudanças corporais, tais como a perda do cabelo, mastectomia e/ou a retirada de algum membro acometido pela neoplasia e os efeitos adversos ocasionados pelos tratamentos radio e quimioterápicos, como náuseas, vômitos, fraqueza.

Os aspectos desvelados, do apoio social e da rede social virtual do paciente devem ser levados em consideração pelos os familiares e para as pessoas que convivem com estes pacientes, já que o compartilhamento de experiências e sentimentos vem à serviço de remover a sensação de ser o único que passa pelas dificuldades da doença, sendo também um ambiente de discussões e troca de informações e trocas afetivas entre os membros dos grupos.

Contudo, não podemos deixar de ressaltar, que este apoio não deve prescindir da atenção especializada, sobretudo no que toca aos aspectos do tratamento, uso de medicamentos, aspectos críticos da saúde emocional, entre outros.

Destarte, esperamos despertar o interesse por parte dos estudantes e profissionais dessa área para um aprofundamento desse assunto, visto que é um campo tão abrangente, sendo muito discutido na área da Enfermagem, todavia pouco explorado na Psicologia.

Referências

Andrade, G. N., Panza, A. R., & Vargens, O. M. C. (2011, janeiro/março). As redes de apoio no enfrentamento do câncer de mama: uma abordagem compreensiva. *Revista Ciência Cuidado e Saúde*. Maringá, 10(1), 82-88.

Associação De Mulheres Mastectomizadas - AMM. Perfil no facebook. Recuperado em 3 de junho, 2012, de <https://www.facebook.com/profile.php?id=100001163453554>

Boff, L. (1999). *Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Brasil. (2011). Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. *Estimativa 2012: Incidência de Câncer no Brasil*. Rio de Janeiro: INCA.

Bray, F., Jemal, A., Ferlay, J., & Forman, D. (2012). Global cancer transitions according to the Human Development Index (2008—2030): a population-based study. *The Lancet Oncology*, 13(6).

Câncer De Mama. Recuperado em 3 de junho, 2012, de <http://aatrocha.blogspot.com.br/2011/09/cancer-de-mama-pqpcom-que-peito-eu-vou.html>

Grupo Amigas Do Peito De Bauru. *Tratamento*. Recuperado em 3 de junho, 2012, de <http://www.amigasdopeito.com/tratamento>

Gomes F. A.; Panobianco M. S.; Ferreira C. B.; Kebbe L. M.; Meirelles M. C. C. C. (2003). Utilização de grupos na reabilitação de mulheres com câncer de mama. *Revista de enfermagem UERJ*, (11), 292-295.

Ibope Nielsen Online (2012). Recuperado em 3 de junho, 2012, de <<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=2&temp2=3&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=resultado&db=caldb>>

Martins, R. S., Pereira, G. S., & Cobucci, R. A. S. (2010). O grupo de apoio como fator relevante para mulheres com Câncer de mama. *Revista Enfermagem Integrada*. Ipatinga, MG, 3(1), 433-441.

Mussoi, E. M., Flores, M. L. P., Behar, P. A. (2007) Comunidades Virtuais – Um Novo Espaço de Aprendizagem. In: Centro Interdisciplinar de Tecnologia Educacional

CINTED- UFRGS, 2007. Disponível em:
<<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8aEunice.pdf>> Acesso em: 28 de maio de 2012.

Primo, A. F. T. (1997). A emergência das comunidades virtuais. In: Intercom 1997 - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 20. Santos. Anais. Disponível em:
<http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf>. Acesso em 23 de maio de 2012.

Primo, A. (2007). O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *Revista E-Compós*. Brasília, (9), 1-21.

Engelmann, A. (1991). Bases teóricas da psicologia. In Reunião Anual de Psicologia, 21. Ribeirão Preto: São Paulo. Anais. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia. pp. 213-6.

Pedro, I. C. S., Galvão, C. M., Rocha, S. M. M., & Nascimento, L. C. (2008, maio/junho). Apoio social e famílias de crianças com câncer: revisão integrativa. *Revista Latino Americana de Enfermagem*. [online]. Recuperado em 16 de março, 2011, de www.eerp.usp.br/rlae

Pense Rosa. Perfil no facebook. Recuperado em 3 de junho, 2012, de <https://www.facebook.com/Penserosa>.

Radioativos 131. Recuperado em 3 de junho, 2012, de <http://www.radioativos131.com.br/blog/>

Radioativos 131. Perfil no facebook. Recuperado em 3 de junho, 2012, de <https://www.facebook.com/pages/Radioativos131/201793276540952>

Santana, J. J. R. A., Zanin, C. R., & Maniglia, J. V. (2008). Pacientes com câncer: enfrentamento, rede social e apoio social. *Paidéia*, São José do Rio Preto, 18(40), 371-84.

Silva, I. T., Griep, R. H., & Rotenberg, L. (2009, julho/agosto). Apoio social e rastreamento de câncer uterino e de mama entre trabalhadoras de enfermagem. *Revista latino americana de enfermagem* [online]. Recuperado em 18 de março, 2011, de www.eerp.usp.br/rlae

Silva, L. C. (2006). *O sentido no cuidado na vivência da pessoa com câncer: uma compreensão fenomenológica*. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Silva, L. C. (2005). Vozes que contam a experiência de viver com câncer. *Psicologia Hospitalar*. São Paulo, 3(1).

Venâncio, J. L. (2004). A importância da Atuação do Psicólogo no Tratamento de Mulheres com Câncer de Mama. *Revista Brasileira de Cancerologia*. 1(50), 55-63.